

que mandaria a mensagem e isto faz sessenta dias. Estamos já no período de convocação extraordinária desta Assembleia e S. Exa. o Sr. Governador, ainda não se decidiu pelo encaminhamento.

Pergunto a V. Exa., Sr. Presidente, se V. Exa., face à questão do ordem que levantei não faz muitos dias, teria providenciado junto aos órgãos técnicos do Poder Executivo as informações relativas à matéria focalizada da tribuna por este deputado e pelo deputado Dante Perri, pois nós não podemos, Sr. Presidente, sob pena de deixarmos este ano legislativo desmoralizado, nós não podemos deixar de aprovar a Faculdade de Ciências Médicas para Botucatu, pois se for a sua instalação para as calendas isto constituirá uma vergonha de que nós não queremos fazer parte. A crise, Sr. Presidente, lançada faz 90 dias, foi superada, não há dúvida nenhuma. O Prefeito Pedutti, o grande municipalista, agora eleito Vice-Presidente da Associação Paulista dos Municípios, atendeu o Sr. Governador e aceitou a instalação da Faculdade de Ciências Médicas. Mas a crise pode recrudesce. Não duvide o Sr. Governador disto. A crise pode recrudesce e, aumentadas as agitações na base da Média Sorocabana, poder-se-á voltar a sacudir o Palácio dos Campos Elísios. E nós, Sr. Presidente, estamos alertando apenas, advertindo o Governo, pois não desejamos pactuar com o Sr. Governador do Estado nesta hora em que S. Exa. está faltando com a verdade (muito bem), não há dúvida nenhuma, pois que, se S. Exa. tivesse a intenção de atender a população de Botucatu, já teria mandado para esta Casa uma emenda a projeto que tramite nesta Casa ou então, mensagem, pois em 24 horas pode perfeitamente a Reitoria da Universidade preparar mensagem a respeito e, em outras 24 horas, pode o Governo mandar para cá assunto desta natureza, assunto de tão alta importância.

Ludibriados os estudantes, ludibriada a zona da Sorocabana, ludibriado que seja o Prefeito Pedutti, de Botucatu, é claro que ficaremos com estes contra quem quer que seja.

Espero, assim, Sr. Presidente Abreu Sodré que V. Exa. tranquilize a estes deputados, principalmente, o nobre deputado Dante Perri e a este deputado, que ocupa a Tribuna, quanto às providências imediatas que poderá tomar com relação ao assunto focalizado.

Era o que tinha a dizer, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE — Tem a palavra o nobre deputado Cid Franco. (Pausa.) Tem a palavra o nobre deputado Costabile Romano.

O SR. COSTABILE ROMANO — (Sem revisão do orador) — Sr. Presidente e Srs. deputados, falando à imprensa o Presidente da COAP de São Paulo, o Tenente-Coronel Genésio Nitrini, informou que foram apreendidas e interditadas pela fiscalização do órgão de preços mais de 90 mil sacas de arroz que se achavam armazenadas para fins de especulação na cidade de Barretos.

Trata-se, assim, da primeira batida que é feita para combater a especulação em todo o país, e que já fora anunciada pela COFAP recentemente, e cujo objetivo é o de fazer um levantamento real dos estoques dos gêneros alimentícios. A atitude da COAP está, desse modo, recebendo os aplausos do povo e, a nosso ver, deve ela repetir esta atividade quantas vezes forem necessárias para evitar que a especulação e o roubo continuem a promover o descontentamento e a revolta popular.

A verdade é que essa descoberta da COAP de São Paulo revela uma situação que é por todos nós conhecida. Não é mistério para ninguém a existência, em determinados lugares ou cidades, de grandes quantidades não apenas de arroz, mas de feijão, milho e outros gêneros que, sonegados ao consumo da população, esperam criminosamente o momento para serem jogados ao mercado por preços várias vezes mais elevado. É este o jogo brutal da especulação promovido pelos atravessadores, pelos tubarões, e pelos exploradores da miséria do povo. O problema do milho, cuja safra de 1961 alcançou índices surpreendentes, está, também, na ordem do dia, com a propalada importação desse produto. As entidades especializadas estão frontalmente contra a importação, alegando que tal atitude representa um golpe de morte na produção nacional, afirmando que é grande o estoque do produto existente em armazenamento no interior do Estado.

A verdade é que, em decorrência dessa situação, a ração de aves e animais, provinda do milho, está faltando em toda a parte, ocasionando sérios prejuízos e promovendo o encarecimento sem precedentes da pequena quantidade que ainda está à venda.

Levando a efeito batidas semelhantes à que foi realizada em Barretos, a COAP, além de se colocar no seu autêntico papel de defensora da economia popular, poderá impedir que os especuladores continuem fazendo fortunas da noite para o dia, com a exploração desenfreada do povo. Saudamos esta primeira medida da COAP de São Paulo e fazemos votos para que continue a mesma ação, sem descanso e sem restrições, para desmascarar os responsáveis pela sonegação que vem sendo feita de inúmeros gêneros indispensáveis à alimentação do povo.

Era o que tínhamos a dizer.

O SR. PRESIDENTE — Tem a palavra o nobre deputado Germinal Feijó.

O SR. GERMINAL FEIJÓ — Sr. Presidente Srs. deputados, volto a esta tribuna para falar sobre questão ligada a essa infame campanha que determinados setores, muito conhecidos da vida nacional, pelas suas notórias relações com grupos econômicos estrangeiros, movem contra o ilustre deputado Dagoberto Salles, pelo fato de ter sido indicado para a presidência da Petrobrás. Venho trazer ao conhecimento desta Casa os termos de uma moção de desagravo, suscitada por dezenas de jornalistas de São Paulo, que verberam o procedimento de determinado jornal carioca, que, em nota insólita, procura agredir a honra do ilustre deputado e engenheiro Dagoberto Salles para assim impedir que a nossa grande empresa petrolífera possa libertar-se dos que trabalham pela sua ruína. Subscrevi este valioso documento, entre outras figuras da maior projeção na imprensa falada e escrita de São Paulo, jornalistas do valor e da responsabilidade de Maurício Loureiro Gama, Vitor Azevedo, Carlos Coriolani Cruz, Armando Gimenez, Hélio Siqueira, José Carlos de Moraes, Luiz Thomazzi, Euláides Andrade (Arapuá) e inúmeros outros.

Os termos desta moção são os seguintes:

(Lê) "Os signatários desta, jornalistas profissionais militantes sem discriminação de corrente ideológica ou político-partidária, norteados pelos altos preceitos de ética que sempre buscaram trilhar e difundir, tornam público seu veemente protesto ante as deseducadas e insultuosas expressões com que o matutino carioca "Correio da Manhã" investiu contra a honorabilidade do deputado federal paulista, Eng. Dagoberto Salles. Combatendo a indicação desse parlamentar para a presidência da Petrobrás, diz o matutino em editorial de sábado 16 do corrente:

"... o Sr. Gabriel Passos daria os bilhões da Petrobrás a fâmulos seus; um o Sr. Eduardo Sobral, de inclinação política totalitária, e outro, o Sr. Dagoberto Salles, notória negociata, um homem fácil".

A nenhum homem de bem é lícito deixar de reconhecer e proclamar as altas qualidades de civismo, patriotismo e espírito público — que estas, sim, são notórias, e os signatários, como informantes da opinião pública, melhor do que ninguém, o podem afirmar — que sempre caracterizaram o Eng. Dagoberto Salles, já na sua vida profissional, já na sua vida pública e política. Nem podem nomes ilibados e dignos do maior respeito no quadro político e cultural de nosso Estado ficar sujeitos à difamação gratuita e a civas vexatórias como de "negociata" e "homem fácil". A ofensa recai não mais no deputado individualmente e sim sobre todo o povo paulista, cujos bríos foram assim chocados, ao se tentar entamente um dos seus mais autênticos valores. É um episódio contristador, demonstrando a levandade e deslealdade dos que, a serviço de interesses estrangeiros, não escolhem armas para combater a Petrobrás e investem contra a dignidade e a honra de seus paladinos. Os signatários reiteram, no ensejo, a esperança de soluções nacionais para os problemas nacionais, entre os quais avulta sem dúvida alguma o da sobrevivência, preservação e desenvolvimento do monopólio estatal de petróleo.

São Paulo, 20 de dezembro de 1961."

Ao concluir, desejo congratular-me com a valorosa classe dos jornalistas profissionais de São Paulo, pela oportuna e patriótica iniciativa, com a qual deram mais uma prova de clarividência, coragem cívica e afirmação nacionalista.

O SR. PRESIDENTE — Tem a palavra o nobre deputado Benedito Matarazzo. (Pausa.) Tem a palavra o nobre deputado Onofre Gusuen. (Pausa.) Tem a palavra o nobre deputado Dante Perri.

O SR. DANTE PERRI — (Sem revisão do orador) — Sr. Presidente, Srs. deputados, a imprensa do Interior é notoriamente pequena, mas imprescindível aos anseios de cada população, de cada município. Infelizmente, os governantes, que não têm tempo sequer para ler os jornais da Capital, nem se preocupam com os jornais do Interior, que refletem realmente o que de mais sentiu e de carinhos têm esses municípios. Assim é que o município de Itapevi, que já tem ginásio estadual criado por lei, não tem esse estabelecimento ainda em funcionamento. O Governo do Estado alega que não tem prédio para sua instalação. Entretanto, há em Itapevi um belo grupo escolar que funciona apenas durante o dia e que, à noite, poderia servir à instalação do ginásio. A propósito "O Suburbano", este magnífico jornal de Itapevi, traz uma nota que diz o seguinte, em determinado trecho:

(Lê) "Itapevi necessita de um ginásio. O projeto do ginásio é meu, Sr. Presidente." A um direito indissolúvel de sua juventude. Não importa onde funcione. Essa necessidade, não para engrandecer ou prestigiar tal ou qual homem público, mas como direito sagrado de toda a juventude de Itapevi".

Sr. Presidente, pedimos a transcrição nos Anais da Casa do inteiro

teor do magnífico artigo do jornalista Bechara, moço inteligente, operoso e dedicado às causas populares.

(N. da T. — O documento a que se refere o orador vai publicado no final da sessão.)

O SR. PRESIDENTE — Tem a palavra o nobre deputado Semi Jorge Resegue. (Pausa.) Tem a palavra o nobre deputado José Costa. (Pausa.) Tem a palavra o nobre deputado Luciano Lepera. (Pausa.) Está com a palavra o nobre deputado Cid Franco.

O SR. CID FRANCO (Sem revisão do orador) — Srs. deputados, Francisco Julião, presidente de honra das Ligas Camponesas, deputado à Assembleia Legislativa de Pernambuco, advogado e escritor, meu companheiro no Partido Socialista Brasileiro, foi apontado à opinião pública por adversários como havendo declarado ser comunista.

Julião, em carta dirigida ao "Jornal do Brasil", afirma que a declaração não é verdadeira. E acrescenta: "Se o fosse, com a mesma tranquilidade com que luto por uma reforma agrária radical, pela abolição do monopólio da terra e contra toda e qualquer forma de espoliação da nossa pátria eu o sustentaria, porque afinal de contas não é crime ser comunista. Quem o diz não sou eu. É a mais alta Corte de Justiça do país".

Cume — escreve ainda Julião — é permitir que 75% das terras deste país permaneçam nas mãos de 8% de brasileiros ou silenciarem diante do assassinato em massa de milhares de camponeses, vítimas do latifúndio, há séculos, em toda a América Latina, com exceção de Cuba, que se libertou recentemente".

O líder das Ligas Camponesas assegura também: "Homem de índole pacífica, mas de idéias e posições definidas, não queria nem quero para o Brasil a guilhotina da Revolução Francesa ou o paredão de Cuba, mas, sim, as reformas, sobretudo a agrária (para os camponeses), a urbana (para os operários) e a do ensino (para os estudantes)".

Em síntese, é essa a resposta de Francisco Julião aos seus adversários. Era, Sr. Presidente e Srs. deputados, a comunicação que me cumpria fazer a esta Assembleia.

O SR. PRESIDENTE — Tem a palavra o nobre deputado Avelone Júnior. (Pausa.) Tem a palavra o nobre deputado Osvaldo Santos Ferreira. (Pausa.) Está com a palavra o nobre deputado Domingos Caravolo.

O SR. DOMINGOS CARAVOLO (Sem revisão do orador) — Sr. Presidente, Srs. deputados, morreu Heitor Graça, pioneiro prudentino e decano da imprensa daquela cidade, que fundou "O Imparcial", da Capital da Alta Sorocabana, que ajudou a construir, que valorizou a nobre classe a que pertencia e que por isso mesmo de toda ela recebe a sua triste e sincera homenagem.

Morreu Heitor Graça, o poeta, o jornalista. Mas morreu também o amigo de todas as horas, boas e más. Sincero nas palavras, sincero nas atitudes. Heitor foi igual em todos os tempos. Observei-o desde a nossa mocidade.

Perderam os prudentinos um dos seus maiores amigos; perdeu a Sorocabana e perdeu São Paulo um dos seus mais ilustres e íntegros jornalistas, e por isso a Associação dos Pioneiros Prudentinos o seu primeiro Presidente e um dos seus mais dedicados companheiros na hora mesma em que a sua personalidade, a sua capacidade e a sua dedicação, mais úteis e mais necessárias se tornaram.

Chora "O Imparcial" a morte de Heitor, seu fundador e seu Diretor. E os seus companheiros de jornal assim disseram: (Lê):

A palavra morreu pesa. É brusca, às vezes sacode o íntimo dos seres humanos.

Mas é uma palavra inevitável. Um dia ou outro, somos levados a pronunciá-la. Com um apêto no coração. Com um nó na garganta.

Chegou o dia de dizermos. Morreu Heitor Graça. Morreu aquele que viveu para "O Imparcial" e no "O Imparcial" ficou até as derradeiras horas...

Morreu um homem com mais de 33 anos de amor e dedicação à imprensa desta terra. Morreu um homem que deu sua própria saúde ao ideal abraçado.

Aos 64 anos...

Quando deveria estar repousando, na mansidão de suas vitórias tão febrilmente alcançadas, quis a fatalidade roubá-lo deste convívio que ele tanto queria... E fê-lo rudemente. Como se não bastasse a enfermidade que o vinha definhando; como se não bastasse a surdez que o impossibilitava de contatos amigos; como se não bastasse o rude golpe da perda da esposa amada, há pouco mais de 3 anos... Como se não bastasse tudo isso... a fatalidade — na forma de um acidente automobilístico — lavou-o para um hospital, onde, embora lutando intensamente, fraquejou ante os desígnios de Deus Todopoderoso.

Morreu Heitor Graça.

Já não entraremos no jornal e veremos aquele homem franzino, jovial, sabracado original, pena em riste, empolgado com a vida que levava; já não o encontraremos nos cafés, sempre com uma palavra amiga a lhe brotar da boca.

Isso foi Heitor Graça. Hoje ele é apenas lembranças; melhor dizendo, hoje ele é já saudades; saudades imensas, que nos brota do coração... Paz à sua alma.

Que mais dizer nesta hora de quase angústia — nós que vivemos à sua sombra amiga?

Paz à sua alma...

Os bons geralmente partem cedo: Heitor Graça foi bom. Jamais se ouviu falar dele uma frase enérgica, ou uma expressão rude!

E diga-se que viver num ambiente de intensa emotividade, por onde muitos passaram, mas poucos, ou melhor, apenas ele ficou até o fim...

Morreu Heitor Graça...

Decano de nossa imprensa.

Foi juntar-se à saudosa Maria Emilia Peixoto Graça deixando órfão Moacyr Haroldo Graça, seu único filho...

Mas, foi-se...

Dizem que a morte não separa ninguém. Que os pertencimentos ficam sobrevoando, e que a cada minuto, se tem a impressão de que o ente desaparecido, está presente...

Deve ser verdade.

Vemos Heitor Graça, sentado em sua cadeira de trabalho, lendo o jornal; vemos Heitor Graça corrigindo provas; vemos Heitor Graça escrevendo versos... Ésses versos que muito tarde, ele procurou criar, como a querer perpetuar sua passagem por esta vida assinalando suas mágoas e suas esperanças...

Em todos os lugares, há um pouco de Heitor Graça!

E há de ser para sempre assim.

Senhor, Deus de Paz e de Misericórdia!... Recebei-o benignamente na hora da morte, a fim de conduzi-lo à aterna felicidade... Dá-lhe um pouco da Tua morada!

Ele foi bom filho; foi bom irmão; foi pai efetivo e carinhoso! Seus devaneios se resumiram numa oficina e redação de jornal, e no lar que jamais deserdou...

O SR. PRESIDENTE — Tem a palavra o nobre deputado Marcondes Filho.

O SR. MARCONDES FILHO — Sem revisão do orador — Sr. Presidente, Srs. deputados, no começo do Pequeno Expediente, o nobre deputado Farabulini Júnior ocupou esta tribuna para atacar o Sr. Governador, chamando-o de mentiroso porque não estava cumprindo o que havia prometido a Botucatu.

Estranhei, de início, que defendesse apenas Botucatu, quando Campinas também está interessada no mesmo problema.

Repudio a acusação. Acredito que S. Exa. esteja enganado: o Sr. Governador um homem de caráter, um homem que tem merecido o respeito da população de São Paulo, seria incapaz de mentir aos deputados desta Casa.

Campinas também não recebeu a mensagem que cria a sua Universidade. Entretanto, um projeto desses não comporta demagogia; precisa ser apreciado em todos os detalhes técnicos e o magnífico Reitor está cuidando dos dois projetos com especial carinho. Sei também que há Comissão encarregada de apresentá-los a esta Casa. Demandam tempo projetos dessa natureza.

Portanto, aqui ficam as minhas palavras de repúdio às assertivas do nobre deputado Farabulini Júnior, que, talvez mal informado, está acusando injustamente o Sr. Governador.

O SR. PRESIDENTE — Tem a palavra o nobre deputado Jorge Nicolau.

O SR. JORGE NICOLAU — Sem revisão do orador — Sr. Presidente, Srs. deputados, muito se tem dito e escrito a respeito de um organismo internacional do qual o Brasil participa e que é chamado GATT.

Este organismo tem uma história que precisa ser conhecida de todos, para que possamos ter uma idéia do que ele representa na política internacional dos negócios econômico-financeiros e do papel que tem nele o nosso país.

A criação do GATT foi como que o coroamento de uma série de medidas econômicas internacionais adotadas pelos Estados Unidos, no momento em que a expansão e o predomínio internacional de sua indústria levaram à alteração de sua política comercial que, de protecionista, passou a ser livre-cambista.